

**(Re) construindo histórias: o projeto de restauro e requalificação do Engenho
Massangana (Cabo de Santo Agostinho, Pernambuco)**

SYLVIA COSTA COUCEIRO*

Este artigo pretende analisar e discutir o *Projeto de Reestruturação Física e Funcional do Engenho Massangana*, propriedade onde o intelectual e abolicionista Joaquim Nabuco viveu até os oito anos de idade. O equipamento, atualmente sob a administração da Fundação Joaquim Nabuco - Fundaj, entidade ligada ao Ministério da Educação sediada no Recife, está sendo alvo, desde 2008, de um projeto de restauro do seu patrimônio físico e de requalificação dos seus espaços com vistas à consolidação de um centro cultural dirigido à comunidade da área e visitantes em geral.

Nosso objetivo é apresentar o Projeto, relatar as ações realizadas e as etapas a serem implantadas a médio prazo, no sentido de debater as potencialidades e limites de um projeto que visa a implantação e gestão, por uma instituição pública, de um centro cultural voltado, dentre outras ações, para educação patrimonial e ambiental.

Localizado na Zona da Mata Sul de Pernambuco, no município do Cabo de Santo Agostinho, o Massangana é mais um dos mais de 150 engenhos centenários da região. São casas-grandes, capelas, moitas, senzalas, muitas delas em ruínas, que revelam o passado colonial de uma região outrora grande produtora de açúcar. Se, por um lado, a história, a tradição e o passado da chamada “civilização do açúcar” marcam essa área, por outro, a industrialização e um intenso processo de desenvolvimento econômico e turístico ocorrido nos últimos anos, decorrente da implantação do Complexo Industrial Portuário de Suape e do grande fluxo de visitantes às praias do litoral sul de Pernambuco, começam a traçar diferentes perfis e definir novas identidades para esse espaço.

* Sylvia Couceiro é pesquisadora da Fundação Joaquim Nabuco/MEC e doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Situado a 48 km do Recife, o Engenho Massangana foi tombado pelo Estado como monumento histórico de Pernambuco em 1984 e denominado, na oportunidade, *Parque Nacional da Abolição*, em homenagem ao papel de Joaquim Nabuco no processo de libertação dos escravos. No mesmo ano o Engenho foi cedido pelo governo estadual em regime de comodato à Fundação Joaquim Nabuco, abrigando atualmente, dentre outros atrativos, um conjunto arquitetônico formado por duas construções de interesse histórico e cultural: a Capela de São Mateus e a Casa-Grande da propriedade.

Tendo como premissa básica preservar o patrimônio arquitetônico e paisagístico e renová-lo com a implantação de um novo uso, a Fundação Joaquim Nabuco iniciou, em 2008, o *Projeto de Reestruturação Física e Funcional do Engenho Massangana*, realizado por um grupo de pesquisadores e técnicos da própria Instituição, contando, ao longo da sua elaboração, com a cooperação de diversas entidades parceiras. O projeto tem como eixos principais a recuperação e restauro das edificações e da paisagem local, além da instalação e montagem de um centro de produção científica e cultural ligado à preservação da memória e educação patrimonial, com foco na temática da produção do açúcar e da abolição da escravatura, e na divulgação e discussão do pensamento de Joaquim Nabuco.¹

O projeto foi dividido em três etapas, tendo a primeira delas sido concluída e entregue ao público em fins de 2010, no encerramento das comemorações do *Ano Nacional Joaquim Nabuco*, instituído em homenagem ao centenário de morte do pensador, e continua em andamento para cumprimento das fases duas e seguintes. Para a sua realização o projeto contou com uma equipe composta de historiador, museólogo e arquitetos da Fundaj, responsáveis pela concepção e montagem das exposições que se encontram abertas à visitação. A equipe continua a desenvolver as fases seguintes do projeto, tendo em vista o planejamento e a montagem de equipamentos e espaços que

¹ Para a redação desse artigo foram utilizadas informações e dados dos relatórios técnicos elaborados pelos grupos de trabalho do workshop dedicado à reestruturação do Engenho Massangana, realizado em 2008, sob a coordenação do professor inglês Brian Bath, especialista em planejamento interpretativo de espaços culturais. Também foram consultados diversos levantamentos documentais, elaborados ao longo do processo de construção do projeto por técnicos e pesquisadores da Fundaj, a exemplo do relatório da bibliotecária Lúcia Gaspar, do setor de Obras Raras da Biblioteca Blanche Knoff – Fundaj.

atendam às seguintes funções: a promoção de debates sobre questões econômicas, políticas e sociais ligadas à produção da cana-de-açúcar ao longo dos séculos; a divulgação do pensamento de Joaquim Nabuco, sobretudo nos aspectos ligados aos temas cidadania e inclusão social no Brasil; a realização de cursos e oficinas de educação patrimonial, visando estimular novas formas de interpretação e uso do patrimônio; o desenvolvimento de atividades de capacitação para a comunidade local; a utilização do espaço do entorno do Engenho como um espaço de educação ambiental.

Ao longo de todo o processo de trabalho uma variada gama de documentos foram consultados no sentido de fornecer subsídios a respeito da história do lugar, dando suporte à concepção e montagem das exposições que se encontram hoje no Engenho, recentemente aberto à visitação pública.² A documentação iconográfica, o artigo *Massangana*, publicado no livro *Minha Formação*, onde Joaquim Nabuco narra suas memórias de infância, além do testamento e inventário de D. Ana Rosa Falcão de Carvalho, madrinha de Nabuco e proprietária do Engenho em meados do XIX, foram fontes preciosas para o conhecimento, não apenas do aspecto físico das edificações e do seu entorno, mas também dos elementos íntimos da vida cotidiana, das representações religiosas, enfim dos valores e mentalidade de uma época.

Do Massangano ao Massangana

No século XIX, o Engenho Massangana era um típico engenho de porte médio da província de Pernambuco. A denominação do engenho, palavra de origem africana, na sua forma masculina, *Massanganu*, segundo Leonardo Dantas, serve como designativo de confluência, foz, lugar onde dois rios se juntam num só. Como esse tipo de fenômeno ocorre no referido Engenho, em cujas terras se unem os Riachos Massangano e Algoduais, que juntos formam o Rio Suape, provavelmente foi essa a causa da adoção do termo africano para denominá-lo.³

² O Engenho Massangana foi oficialmente reaberto ao público no dia 17/12/2010. A Casa Grande apresenta alguns cômodos mobiliados e ambientados como as propriedades senhoriais típicas da região em finais do XIX, uma exposição sobre a história do Engenho e outra sobre trajetória de vida de Joaquim Nabuco. A Capela também está aberta à visitação e conta com uma breve exposição iconográfica sobre as transformações sofridas pela edificação desde o início do século XX.

³ Para mais detalhes sobre a denominação do Engenho e a palavra *Massangano(a)* ver o artigo de Leonardo Dantas Silva *O que seria Massangana?* Fonte: <http://www.fundaj.gov.br/docs/eg/ccem/mass.html> Consulta em 27/05/2011.

Apesar de alguns autores defenderem que foi o próprio Nabuco quem transformou a palavra e passou a empregá-la no feminino como designação do engenho, quando, em 1900, escreveu o livro *Minha Formação*, de acordo com Leonardo Dantas o vocábulo, já era grafado no feminino em documentos que datam do século XVIII e em anúncio do jornal Diário de Pernambuco de 1856, quando a madrinha de Nabuco, D. Ana Rosa, noticia o falecimento de um escravo de sua propriedade:

*É falecido o Elias, escravo que foi da casa Massangana.
Não podemos deixar de consignar esta lembrança em memória de um indivíduo que sempre mereceu a dita de ser considerado - homem de bem; nascido no cativo, Elias, tornou-se, em pouco, digno de ser tido num apreço a ponto de a sua firma, pelos padecimentos do chefe da casa de Massangana, ser tão respeitada e avaliada, que deixou alguma fortuna.*
(SILVA, Leonardo Dantas.

<http://www.fundaj.gov.br/docs/eg/ccem/mass.html>)

Um das referências mais antigas que se conhece sobre o Engenho Massangana data de 1774. No relatório enviado a Lisboa pelo Governador da Capitania de Pernambuco, José Cesar de Menezes, ficou registrado que o padre Manuel de Mesquita e Silva era, então, proprietário das terras do Engenho.

No início do século XIX, o Massangana passa a ser referido como propriedade de José Félix da Rocha Falcão, que viria a deixá-lo como herança para sua filha, Ana Rosa Falcão de Carvalho. Casada com Joaquim Aurélio Pereira de Carvalho, Ana Rosa e o marido são convidados para padrinhos de batismo de Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo, filho do importante político do Império, José Thomaz Nabuco de Araújo e de sua esposa Ana Benigna de Sá Barreto.

Aos três meses o menino Joaquim é batizado na capela do Engenho, consagrada a São Mateus. No mesmo dia, seu pai, eleito deputado por Pernambuco, parte com o restante da família para morar no Rio de Janeiro onde assumiria o cargo, deixando o recém-nascido, aos cuidados dos padrinhos no Engenho Massangana.

Quinquim, como era chamado por todos, viveu até os 8 anos de idade no Massangana. Passou a infância entre brincadeiras nos canaviais, rios e mangues da região, com os pequenos escravos, colegas nas aulas do professor Caetano Pereira, que ensinava as primeiras letras na escolinha do Engenho.

Com a morte da sua madrinha em 1857, encerra-se um capítulo na vida de Joaquim Nabuco. Aos 8 anos o menino de engenho, segue para a Corte Imperial, o Rio de Janeiro, onde sua vida tomaria outros rumos: convive com os pais e os irmãos, estuda em afamados colégios, conhece personalidades importantes do Império, sem, no entanto, esquecer o seu “paraíso perdido”, assim descrito no artigo *Massangana*:

Os primeiros anos da vida foram assim, em certo sentido, os de minha formação, instintiva ou moral, definitiva... Passei esse período inicial, tão remoto, porém, mais presente do que qualquer outro, em um engenho de Pernambuco, minha província natal (...). Meus moldes de idéias e de sentimentos datam quase todos dessa época. (NABUCO, 2004:159-161).

Por testamento, o Massangana passa, então, a ser propriedade de Paulino Pires Falcão, sobrinho e herdeiro de D. Ana Rosa. O novo proprietário, homem importante na região, membro da Guarda Nacional e Cavaleiro da Ordem de Cristo, realiza uma série de reformas na casa-grande do Engenho. Em 1869, já estudante da Faculdade de Direito do Recife, ao voltar em visita ao Massangana, Nabuco estranha as alterações e registra, mais de uma década depois da sua partida, as transformações ocorridas na paisagem da propriedade: “A almanjarra desaparecera no passado. O trabalho livre tinha tomado o lugar em grande parte do trabalho escravo. O engenho apresentava do lado do ‘porto’ o aspecto de uma colônia; da casa velha não ficara vestígio...” (NABUCO, 2004:167-168).

Das mãos dos herdeiros de Paulino Pires Falcão, o Engenho passa, na primeira metade do século XX, a ser propriedade da empresa Brennand Irmão e Cia, sendo incorporada à Usina Santo Inácio, que agregou diversos engenhos de fogo-morto da região, transformando-os em fornecedores de cana. Nesse período, a atividade produtiva do

Massangana se restringia apenas ao plantio da cana-de-açúcar, moída e processada na usina Santo Inácio.

A partir dos anos 1960, ocorre uma profunda transformação no Engenho Massangana. Em 1963, com a presença do presidente João Goulart e do governador de Pernambuco, Miguel Arraes, foi inaugurada a Cooperativa Agrícola Tiriri, que incluía cinco engenhos da região, dentre eles o Massangana. Experiência pioneira do Governo Federal, a Cooperativa visava modernizar a produção agrícola e encontrar alternativas para enfrentar a crescente tensão no campo por uma reforma agrária e por mudanças nas relações de trabalho.⁴

Em 1972, o Engenho, agora composto apenas pela sua casa-grande, a capela de São Mateus, um pequeno arruado e as ruínas da *moita*, veio a se tornar propriedade do Governo Federal, ligada ao Instituto de Colonização e Reforma Agrária, o Incra. Após um processo de restauração, foi inaugurado no Engenho o *Museu Massangana*.

Decorridos mais de dez anos, já em 1983, a propriedade foi doada ao Estado de Pernambuco, passando a ser administrada a partir de 1984, através de comodato, pela Fundação Joaquim Nabuco. Com a conclusão do processo de tombamento pelo Governo Estadual, o Engenho Massangana passou oficialmente a ser denominado de *Parque Nacional da Abolição*, alternando períodos de maior uso, com a realização de diversos projetos pela Fundação Joaquim Nabuco, com fases de certo esquecimento e declínio, em função de fatores conjunturais.

O Engenho Massangana: outros usos, novos olhares

Apesar da existência, na Zona da Mata Sul de Pernambuco, de engenhos que contam com casas-grandes e capelas maiores, mais ricas e representativas em termos de arquitetura, que preservam características do período em que foram erguidas, o Massangana apresenta características peculiares que o distinguem dos demais. Além de ser um bem tombado, por ter sido o cenário da infância de Joaquim Nabuco, de possuir

⁴ Sobre a implantação da cooperativa e a história do Massangana nesse período ver o artigo *Os primórdios da cooperativa agrícola de Tiriri* da professora Cristine Dabat, que analisa a organização dos trabalhadores e as dificuldades enfrentadas pela entidade até o encerramento das suas atividades.

registros documentais importantes para a compreensão da sua história, de ser o tema de um dos textos memorialísticos mais famosos do livro *Minha Formação*, o Engenho localiza-se em uma área que passa atualmente por grandes transformações econômicas e sociais, sobretudo em função da proximidade do Complexo Industrial Portuário de Suape. Tal fato, ao mesmo tempo em que pode apresentar aspectos positivos, nos coloca diante de algumas incertezas e desafios.

Situado às margens da rodovia PE 60, no município do Cabo de Santo Agostinho, o Massangana tem acesso fácil e rápido, ao contrário de alguns outros engenhos da região, servidos apenas por estradas de terra, o que dificulta a acessibilidade, sobretudo no período chuvoso. A proximidade de um grande contingente populacional, com habitantes de cidades como o Cabo de Santo Agostinho, Ipojuca e outras, de uma rede de escolas públicas carente de equipamentos culturais, eleva a importância social e educacional do projeto de reestruturação do Massangana.

Em termos turísticos, o Engenho apresenta uma localização favorável ao fluxo de visitantes nacionais e estrangeiros, uma vez que a PE 60 é a via de ligação entre o Recife e as praias do litoral sul do Estado, consideradas das mais belas do país, como Porto de Galinhas, Muro Alto, Serrambi e outras, o que gera um intenso trânsito de turistas durante quase todos os meses do ano.

A proximidade do Complexo Industrial Portuário de Suape, hoje um dos polos irradiadores dos altos índices de crescimento econômico do Estado, aparece para alguns analistas como uma oportunidade onde o antigo e o moderno podem dialogar. Contudo, a vizinhança de indústrias que vão do ramo alimentício, passando pela construção civil até empresas pesadas da cadeia petroquímica, estaleiros, montadora de automóvel e uma refinaria de petróleo, pode representar, também, uma ameaça. A necessidade de expansão e ocupação territorial por parte dessas grandes companhias e grupos econômicos internacionais, a poluição, a transformação acelerada da paisagem local, dentre outros fatores, constituem problemas reais que necessitam de atenção e planejamento quando da efetivação das futuras etapas do projeto.

Vale ressaltar que os dez hectares atuais do Massangana estão cercados não apenas por indústrias, estradas e viadutos, símbolos atuais de progresso e desenvolvimento para alguns analistas, mas também por moradias de uma comunidade pobre e desprovida de serviços e infra-estrutura básicos: a Vila Massangana. Vias irregulares de barro, habitações precárias, esgoto a céu aberto, lixo pelas ruas, são o cenário cotidiano do povoado contíguo à entrada do Engenho.

No espaço interno da propriedade, um riacho assoreado, com reduzido volume d'água, poluído e contaminado pelos dejetos lançados pela comunidade vizinha, ainda guarda vestígios de antigas instalações, ancoradouro e um possível sistema de canalização de água. Árvores de grande porte, espécies frutíferas, conjunto de bambus, arbustos e gramíneas marcam a paisagem da entrada, conduzindo a um pátio onde estão as três edificações existentes no Engenho: a casa-grande, a Capela e um conjunto de alojamentos, construído nos anos 1980, denominado pela equipe de pesquisadores e técnicos de “arruado”, totalizando uma área construída de 1548,85.⁵

Atualmente a casa-grande tem uma área de 765 m², e uma conformação resultante da reforma realizada na década de 1860-70 pelo herdeiro principal da madrinha de Nabuco, seu sobrinho Paulino Pires Falcão e por modificações ocorridas um século depois, entre as décadas de 1970-80. Apesar de ainda não termos conhecimento da datação exata da construção original, estudos arqueológicos realizados até o momento apontam para uma edificação de princípios do século XIX.

A Capela de São Mateus, com 115 m², edificada em uma elevação atrás da casa-grande, também passou por uma série de modificações. De acordo com as prospecções realizadas, o templo teria sido erguido em finais do século XVIII, mas pouco teria sobrevivido da sua feição original. As análises indicam o uso de diferentes materiais e técnicas construtivas nas diversas reformas realizadas, demonstrando, que a edificação

⁵ Durante as obras de restauração do Engenho, entre 2009- 2010, foram realizadas prospecções arqueológicas na Casa-Grande e na Capela, com o objetivo de investigar seus projetos e concepções, estilos arquitetônicos e as transformações e reformas sofridas pelas duas construções ao longo dos séculos, resultando em um relatório com as informações do estudo.

passou, em determinado período, por uma verdadeira obra de reconstrução em vista do estado precário em que se encontrava.

A documentação iconográfica e textual, além de alguns estudos preliminares, indicam também, pistas para trabalhos futuros acerca da localização da senzala, da fábrica de produção de açúcar, a moita, e do cemitério dos escravos.

O ponto de partida do *Projeto de Reestruturação Física e Funcional do Engenho Massangana* foi a preservação do conjunto arquitetônico e paisagístico, e sua renovação, com a implantação de novos usos que atendessem à sua estratégica localização e necessidades do lugar. Ao longo da concepção do projeto, uma idéia norteou o restauro e requalificação da propriedade: destacar a vinculação do Engenho Massangana com seu ilustre morador, o político e intelectual pernambucano Joaquim Nabuco. Esse diferencial torna o Engenho um lugar único, uma vez que, como já destacamos, Nabuco registrou para a posteridade sua vivência na propriedade em páginas consideradas como das mais expressivas da literatura nacional do período.

Apesar de durante certo período, particularmente nos anos entre 2000 – 2008, o Engenho não apresentar muitos atrativos para o público, o espaço manteve-se aberto à visita das escolas e turistas, atraindo uma média de até dez mil pessoas/ano entre 2005-2008.

A concepção dos pressupostos básicos do projeto de reestruturação do Massangana resultou de uma construção coletiva, fruto de parcerias da Fundaj com mais vinte instituições, em um trabalho integrado de órgãos ligados a diferentes áreas de atuação, que abrangem desde a preservação patrimonial até os de planejamento, desenvolvimento, infraestrutura, turismo e educação.⁶

⁶ Participaram das oficinas representantes das seguintes entidades: Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco – Fundarpe; Prefeitura do Recife; Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste – Prodetur; Museu Cidade do Recife; Complexo Industrial Portuário de Suape; Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan; Prefeitura do Cabo de Santo Agostinho; Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco – Condepe/Fidem; Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - Sebrae; Fundação Gilberto Freyre, Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

A partir de um trabalho conjunto em dois workshops, realizados em dezembro de 2008 e em abril de 2009, coordenados pelo professor inglês Brian Bath, especialista em planejamento interpretativo de espaços culturais, os diversos participantes foram agregados em grupos específicos, como História e Arqueologia; Conservação e Arquitetura; Paisagem e Infraestrutura; Turismo e Educação, cujos relatórios subsidiaram todo o desenvolvimento do projeto.

O projeto foi estrategicamente montado em etapas, previstas para serem executadas de forma articulada. A primeira fase, já concluída, executou as obras de recuperação e restauração da Casa-Grande e da Capela de São Mateus, além da montagem de exposições permanentes que tem como objetivo recompor alguns espaços da casa-grande, buscando mostrar aspectos da vida cotidiana de um típico engenho da segunda metade do século XIX. Complementa a recomposição, uma mostra histórica sobre o Massangana. A segunda parte da exposição trata de Joaquim Nabuco. Através de objetos e imagens, é apresentado o perfil biográfico do pensador e suas ideias e princípios, vinculando-os às questões da atualidade.

A finalização dessa etapa tem possibilitado a implantação de um calendário permanente de eventos culturais e educacionais, aproximando a comunidade e atraindo um maior número de visitantes e turistas.

A segunda etapa, ainda em fase de negociação e planejamento, pressupõe a prospecção arqueológica do sítio histórico para melhor compreensão das partes que compunham o Engenho, a descoberta dos locais da senzala, da moita e do cemitério de escravos, além da implantação do centro de exposições temporárias e de equipamentos de apoio como uma livraria e um café.

A terceira fase dos trabalhos será dedicada à revitalização da paisagem e do meio ambiente do Engenho, de forma a desenvolver, junto à comunidade escolar, atividades ligadas a educação e preservação ambiental. Estão previstas a limpeza e revitalização do Rio Massangana, a recomposição paisagística do parque natural, a criação de trilhas, espaços de lazer ao ar livre, passeios pelo rio, dentre outros.

Entre o moderno e o antigo: os desafios do velho engenho

A importância do patrimônio edificado e natural que representa o Engenho Massangana e seu valor enquanto possível espaço de educação patrimonial e ambiental são inquestionáveis e, por si só, justificam as ações da Fundação Joaquim Nabuco no sentido de viabilizar integralmente as demais fases do *Projeto de Reestruturação Física e Funcional do Engenho Massangana*.

Contudo, muitas das potencialidades e condições favoráveis apresentadas constituem-se, se vistas por outro ângulo, em riscos e desafios a serem enfrentados. Em alguns momentos o projeto para o velho engenho pode nos parecer uma ilha cercada de um mar de dúvidas e incertezas. As perspectivas de colaboração com as indústrias implantadas em Suape, as potencialidades turísticas da área onde ele está inserido, a facilidade de acesso, aparecem, muitas vezes, como dificuldades a serem transpostos.

Apesar da importância que o debate sobre a preservação do patrimônio histórico e natural vem assumindo, ainda é muito complexo estabelecer parcerias e sensibilizar as grandes empresas e conglomerados econômicos sobre a importância de investir diretamente em atividades educativas e culturais. Essa dificuldade foi constatada pela equipe do projeto quando da realização de contatos com algumas indústrias da área para estabelecimento de parcerias para concretização da primeira etapa dos trabalhos no Massangana.

Por outro lado, a consolidação do pólo de Suape começa a gerar outros problemas que vem sendo observados na área: insuficiência na infra-estrutura, dificuldades de acesso, carência de um sistema viário e de transportes que atenda à demanda atual dos que lá trabalham. O Engenho está próximo à estrada, como destacamos, mas esta já não é suficiente para atender o fluxo de veículos, nem tem a manutenção adequada, apresentando problemas de congestionamento e falta de segurança para todos que a utilizam.

Se esse crescimento econômico representa a esperança de emprego para um grande contingente de trabalhadores e desempregados, o fluxo desordenado, vem gerando um aumento perceptível no número de invasões e construções irregulares nos espaços limites do Engenho e nos faz questionar: Como preservar o bem, seu patrimônio histórico e natural sem dotar as comunidades vizinhas das condições mínimas de infraestrutura? (habitações dignas, ordenamento das ruas, drenagem e rede de esgotamento sanitário, coleta regular de lixo, etc).

Em termos da localização do Massangana, o que pode aparecer como oportunidade à visitação, conforme já destacado, representa também um desafio à Fundaj, quando se fala da gerência administrativa desse bem patrimonial, uma vez que a Instituição se encontra a mais de uma hora de viagem do Engenho. Essa distância dificulta um acompanhamento mais próximo e efetivo dos equipamentos, gerando uma preocupação constante da equipe de trabalho acerca da conservação do mobiliário e dos objetos museológicos expostos, da manutenção das instalações físicas das construções centenárias, e do acompanhamento das atividades lá desenvolvidas.

Enfim, o grande desafio é: como transformar o *Projeto de Reestruturação Física e Funcional do Engenho Massangana* em um o projeto sustentável? Como dotá-lo de ferramentas que garantam a sua sobrevivência de modo a atingir os objetivos propostos junto às comunidades da região e demais interessados, sejam escolares, moradores, visitantes ou turistas? Como explorar toda a sua potencialidade enquanto equipamento a serviço educação patrimonial, ambiental e do conhecimento da história da região?

Reformas, modernização, novos usos, outros tempos. Apesar das incertezas, no século XXI o Engenho Massangana segue sua trajetória como um espaço simbólico: modernidade e tradição, passado e futuro estão nele presentes. Mais que celebrar uma edificação de importância histórica, expressão do patrimônio cultural do Estado, o *Projeto de Reestruturação Física e Funcional do Engenho Massangana* busca criar um espaço de educação, onde patrimônio histórico e ambiental possam estimular a reflexão sobre a nossa história, sobre quem fomos, como estamos vivendo e quais os caminhos futuros que estamos construindo.

Referências Bibliográficas

DABAT, Christine Rufino. Os primórdios da cooperativa agrícola de Tiriri. *Clio – Revista de Pesquisa Histórica da UFPE*, nº 16. Recife, UFPE, 1996.

NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.

Relatórios dos Grupos de Trabalho do Workshop do Planejamento Interpretativo do Engenho Massangana: História e Arqueologia; Conservação e Arquitetura; Paisagem e Infra-estrutura; Educação; Turismo e Marketing. Recife, Fundaj, 2009.

SILVA, Leonardo Dantas. *O que seria Massangana?* Fonte:
<http://www.fundaj.gov.br/docs/eg/ccem/mass.html> Consulta em 27/05/2011

SOUZA REGO, Nuno José. *Relatório Engenho Massangana: arqueologia de restauração da Casa-Grande*. Recife, Fundaj, 2010.

_____. *Relatório Engenho Massangana: arqueologia de restauração da Capela de São Mateus*. Recife, Fundaj, 2010.